

DOI: <http://dx.doi.org/10.55602/rlic.v10i2.235>**GA: ESPAÇO DE (RE) SIGNIFICAR E ACOLHER**Angélica Heinen Mahle<sup>1</sup>,  
Sinara da Silva Emmel<sup>2</sup>

O presente resumo perpassa pelos estudos desenvolvidos a partir da Trilha 2, intitulada “Educação Inclusiva e escola acolhedora”, do Programa de Formação Continuada Trilhas de Aprendizagem oferecido pela Rede Sinodal de Educação em 2022. A pesquisa foi orientada pela professora Ma. Sinara da Silva Emmel.

Ao nos constituirmos como GA, percebemos-nos como um grande ecossistema que educa na diversidade. E educar na diversidade requer um fazer pedagógico que valorize as diferenças da sala de aula, ressignificando os desafios existentes.

Segundo o dicionário Aurélio, ressignificar é “atribuir um novo significado a; dar um sentido diferente a alguma coisa; redefinir...” (FERREIRA, 2010). Os fios norteadores que perpassam pelo GA atentam para as diversidades existentes dentro da sua sala de aula. Para tanto, as atividades desenvolvidas nos espaços do Gustavo Adolfo diferenciam-se, buscando complementar e/ou suplementar a formação dos estudantes.

Os docentes ressignificam e constroem o seu fazer pedagógico acolhendo as especificidades de cada indivíduo, respeitando suas individualidades. Em sala de aula, para os professores, a aprendizagem é um dos objetivos principais das práticas pedagógicas, sendo que a compreensão do que se entende por aprender é essencial na construção de uma proposta de educação, também mais aberta e dinâmica, resultando em práticas pedagógicas transformadoras.

Cabe a ele, a partir de observações criteriosas, ajustar suas intervenções pedagógicas ao processo de aprendizagem dos diferentes alunos, de modo que lhes possibilite um ganho significativo do ponto de vista educacional, afetivo e sociocultural. (PRADO; FREIRE, 2001, p.58).

Os professores do GA são desafiados a pensar suas práticas pedagógicas pensando na elaboração e organização de recursos acessíveis, considerando as necessidades específicas dos estudantes, eliminando as barreiras, vislumbrando a plena participação dos mesmos.

Partindo desta afirmativa, sinalizamos a prática docente, comportando situações complexas, incertas, singulares, imprevistas, como uma sucessão de micro decisões dos mais variados caracteres, que perpassam por interações, conflitos e contradições constantes (CAMPOS; DINIZ, 2001). Em face dessa caracterização, compreende-se um

<sup>1</sup> Pedagoga, pós-graduada em Educação Especial pela Universidade UNIVATES e Mestra em Memória e Cultura pela Universidade La Salle. E-mail: [angélica.orientadora@gustavoadolfo.com.br](mailto:angélica.orientadora@gustavoadolfo.com.br)

<sup>2</sup> Coordenadora pedagógica no Colégio Sinodal do Salvador - Porto Alegre. Mestre em Educação pela UNISINOS. E-mail: [sinara.semmel@gmail.com](mailto:sinara.semmel@gmail.com)

constante reinventar do professor, a partir do qual é elaborado e experimentado um determinado saber.

Partindo das experiências, sondagens e anamnese do estudante, produzem-se os recursos pedagógicos que podem ou não conter flexibilizações ou adaptações. Não são apenas objetos materiais, entretanto também servem de auxílio, de apoio e significam um meio para atingir-se um objetivo. Portanto, podemos dizer que os recursos pedagógicos são práticas educacionais e ações projetadas para atender um objetivo de aprendizagem. Deste modo, os recursos adaptados pelos professores do GA são ferramentas que promovem a participação autônoma do estudante com ou sem laudo neurológico.

Um dos exemplos é a dinamicidade de recursos pedagógicos que transitam nos Anos Finais do Ensino Fundamental, do 6º ao 9º ano no Centro de Educação Básica Gustavo Adolfo, onde, por vezes, em uma mesma sala de aula existe mais de um estudante com laudo, mas, mesmo os que não possuem alguma necessidade educativa especial, têm diferentes ritmos e estilos de aprendizagem. Quando se aplica um trabalho avaliativo, por exemplo, diferentes oportunidades são organizadas para os grupos de estudantes. Em algumas turmas, simultaneamente diferentes tipos de registros são oferecidos, podendo ser: avaliação com menos questões e/ou questões com menos opções de escolhas, avaliação impressa apenas frente, em lugar de frente e verso, oportunidade de respostas orais, respostas a partir de desenhos e/ou acrósticos.

Além das diferentes possibilidades de registro pensadas para os estudantes, existem outros pilares aos quais os professores dos anos finais do ensino fundamental (6º a 9º ano) atentam, quando se pensa em fazer pedagógico inclusivo: A) analisar o conteúdo a ser estudado; B) pensar potencialmente em como o aprendizado é alcançado e fornecer os meios para ajudar os estudantes a terem êxito; C) pensar nas ferramentas e na tecnologia que será usada em sala de aula; D) pensar além da sala de aula, o que posso oferecer para o estudante (apoio pedagógico via classroom – saídas de campo – aula de reforço – atendimento educacional especializado – laboratórios (cozinha, biblioteca, quadras de esporte, pátios...).

Portanto, segundo Freire (2003), ensinar não é só transferir conhecimentos, mas também criar possibilidades aos estudantes para que façam suas próprias construções. É acolher e possibilitar diversos mecanismos para que o educando possa percorrer os caminhos da aprendizagem da melhor forma.

Conclui-se, dessa maneira, que o GA se organiza como um espaço que ressignifica e acolhe as diferenças. Comprometidos em dar sequência e melhorar ainda mais os processos, a Orientação Educacional está elaborando um projeto que irá oferecer momentos de capacitação aos profissionais, vislumbrando uma maior assertividade no que tange a inclusão no espaço escolar.

**Palavras-chave:** Ressignificar. Fazer pedagógico. Acolher. Diversidade.

## REFERÊNCIAS

CAMPOS, Luciana M. Lunardi; DINIZ, Renato Eugênio da Silva. A prática como fonte de aprendizagem e o saber da experiência: o que dizem professores de ciências e de biologia. **Investigações em Ensino de Ciências**, Porto Alegre, v. 6, n. 1, p. 79-96, 2001. Disponível em: <https://www.if.ufrgs.br/cref/ojs/index.php/ienci/article/view/587/380>. Acesso em: 11 ago. 2019.

FERREIRA, Aurélio B. de Hollanda. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 8. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 28. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

PRADO, Maria Elisabette Brisola Brito; FREIRE, Fernanda Maria Pereira. A formação em serviço visando à reconstrução da prática educacional. *In*: FREIRE, Fernanda Maria Prado; VALENTE, Jose Armando. **Aprendendo para a vida**: os computadores na sala de aula. São Paulo: Cortez, 2001. p. 53-74.

**Recebido em: 21/11/2022**  
**Aceito em: 21/11/2022**